

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
FACULDADE DE HISTÓRIA (FH)

LARISSA PEREIRA DANTAS

**ENTRE FLORAS E TERREIROS: UMA ANÁLISE SOBRE A PRESENÇA
DAS LOJAS DE ARTIGOS RELIGIOSOS AFRO-BRASILEIROS EM GOIÂNIA
(1960-2023)**

Goiânia
2023

Processo: 23070.005823/2024-89
Documento: 4357877



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Larissa Pereira Dantas

Título do trabalho: "ENTRE FLORAS E TERREIROS: UMA ANÁLISE SOBRE A PRESENÇA DAS LOJAS DE ARTIGOS RELIGIOSOS AFRO-BRASILEIROS EM GOIÂNIA (1960-2023)"

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [x] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(a)(s) autor(a)(es)(as) e ao(a) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Larissa Pereira Dantas, Discente**, em 06/02/2024, às 17:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jiani Fernando Langaro, Professor do Magistério Superior**, em 07/02/2024, às 18:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4357877** e o código CRC **72171CA2**.

LARISSA PEREIRA DANTAS

**ENTRE FLORAS E TERREIROS: UMA ANÁLISE SOBRE A PRESENÇA
DAS LOJAS DE ARTIGOS RELIGIOSOS AFRO-BRASILEIROS EM GOIÂNIA
(1960-2023)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação, da Faculdade de História, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de bacharel em História

Orientador: Prof. Dr. Jiani Fernando Langaro

GOIÂNIA
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Dantas, Larissa Pereira

Entre Floras e terreiros [manuscrito] : Uma análise sobre a presença das lojas de artigos religiosos afro-brasileiros em Goiânia (1960-2023) / Larissa Pereira Dantas. - 2024.
29 f.

Orientador: Prof. Dr. Jiani Fernando Langaro.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História (FH), História, Goiânia, 2024.
Bibliografia.

1. Floras. 2. Mercado religioso. 3. Terreiros. I. Langaro, Jiani Fernando, orient. II. Título.

CDU 94



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos dois dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e quatro iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “ENTRE FLORAS E TERREIROS: UMA ANÁLISE SOBRE A PRESENÇA DAS LOJAS DE ARTIGOS RELIGIOSOS AFRO-BRASILEIROS EM GOIÂNIA (1960-2023)”, de autoria de Larissa Pereira Dantas, do curso de Bacharelado em História, do(a) Faculdade de História da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Prof. Dr. Jiani Fernando Langaro - orientador(a) (FH/UFG) com a participação do outro membro da Banca Examinadora: Prof. Dr. Cristiano Nicolini (FH/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final dez (10,0), tendo sido o TCC considerado (aprovado).

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Jiani Fernando Langaro, Professor do Magistério Superior**, em 02/02/2024, às 19:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cristiano Nicolini, Professor do Magistério Superior**, em 02/02/2024, às 20:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4357872** e o código CRC **82373ECD**.

ENTRE FLORAS E TERREIROS
UMA ANÁLISE SOBRE A PRESENÇA DAS LOJAS DE ARTIGOS RELIGIOSOS
AFRO-BRASILEIROS EM GOIÂNIA (1960-2023)¹

Larissa Pereira Dantas²

Resumo

O presente artigo busca explorar a presença das lojas de artigos religiosos afro-brasileiros na cidade de Goiânia desde a década de 1960. Através da revisão de literatura, realizaremos uma análise histórica acerca do surgimento dessas lojas no Brasil. Através de um levantamento geográfico e entrevistas com os proprietários, buscaremos o entendimento das mudanças ocorridas desde o início de sua presença na capital goiana e de como esse tipo de comércio se relaciona com as religiões afro-brasileiras, e como ambos se influenciam mutuamente. Procuramos aqui compreender como funciona a lógica de mercado religioso em que as floras estão inseridas, e até onde ela influencia as tradições dentro das próprias religiões. Para além disso, veremos como se dá a relação dessas lojas com a sociedade em volta dela (vizinhos e transeuntes) e quais são os limites entre religião e comércio para aqueles que as veem de fora.

Palavras-chave: Floras, Mercado Religioso, Terreiros

Abstract

The present article aims to explore the presence of Afro-Brazilian religious goods stores in the city of Goiânia since the 1960s. Through a literature review, we will conduct a historical analysis of the emergence of these stores in Brazil. Through a geographical survey and interviews with the owners, we seek to understand the changes that have occurred since the beginning of their presence in the capital of Goiás and how this type of commerce relates to Afro-Brazilian religions, and how both mutually influence each other. We aim to comprehend how the logic of the religious

¹ Pesquisa submetida e aprovada ao Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás sob n. 48883121.0.0000.5083.

² Discente do curso de bacharelado em História da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás – Regional Goiânia.

market in which these stores are situated functions, and to what extent it influences traditions within the religions themselves. Furthermore, we will explore how these stores relate to the surrounding society (neighbors and passersby) and what the boundaries are between religion and commerce for those who perceive them from the outside.

Keywords: Afro-Brazilian religious stores, Religious market, AfroBrazilian religious temples

Introdução

As lojas de artigos religiosos afro-brasileiros são parte do cenário da capital goiana há muito tempo. Popularmente conhecidas como florais, são comércios repletos de hibridismos, que comumente se relacionam com as próprias religiões afro-brasileiras sendo vistas pela sociedade como uma unidade só, sem distinção entre religião e comércio. São estabelecimentos importantes e que não passam despercebidos, mesmo aos olhos mais desavisados. Entendemos que essas lojas são parte importante das práticas religiosas das religiões afro-brasileiras, como Candomblé e, e que também carregam consigo os processos de hibridações (Canclini, 2011) em situações diaspóricas (Hall, 2003). Sem mencionar sua importância para outros tipos de comunidades que não apenas as de terreiro, uma vez que se relacionam também com a magia, o misticismo e o esoterismo.

Mas será que esses estabelecimentos são realmente uma extensão do universo religioso, como comumente a sociedade os enxerga? E ainda, qual o papel da religião dentro dessas lojas? No presente trabalho tentaremos entender como se dá essa relação entre as lojas e os terreiros e qual o espaço que esse comércio ocupa dentro do mercado religioso.

Este tema já conta com uma curta, porém existente bibliografia. Para efeito de exemplo, temos a autora Clarissa Ulhoa, que em 2011 escreveu sobre a invisibilidade que as religiões afro-brasileiras sofrem com o passar dos anos e como isso influencia as próprias florais, diminuindo a procura e o lucro dos estabelecimentos. Segundo a autora, esses comércios podem ser considerados um dos “locus propriamente

comerciais” (Ulhoa, 2011, p.172) repleto de hibridismos e diretamente ligados às religiões afro-brasileiras, mas não somente a elas.

Analisaremos aqui os processos de formação e transformação dessas lojas de artigos religiosos desde o seu início, com a chegada dos escravizados africanos no Brasil, como Barros (2011) nos propõe. E como se estabeleceu a sua prática na cidade de Goiânia desde a década de 1960, ano em que a primeira loja foi criada. Concomitante a isso, investigaremos a influência que esse tipo de comércio exerce sob a vida cotidiana da cidade, dos seus moradores e das próprias religiões afro-brasileiras. A partir disso, acreditamos que será possível entender como se forma e se mantém essa relação, e como as floras são parte importante de um mercado religioso ao qual Berger (2007) explica a partir do conceito de secularização.

Em um primeiro momento realizaremos a revisão de literatura a partir de Echer (2011), Espírito Santo (1992), Marconi e Lakatos (2002) e outros autores, que nos norteará teoricamente na pesquisa e auxiliará a entender como os fluxos diaspóricos contribuíram para o espaço que o comércio religioso ganhou em Goiânia. Faremos também um levantamento e mapeamento das floras em funcionamento na cidade de Goiânia no ano de 2023, através de pesquisa de campo e internet. O uso de fontes orais, feito com base nas contribuições de Alberti (1989) e Gomes (2007), também será de grande importância neste trabalho, nos auxiliando na análise das entrevistas a serem realizadas com proprietários das lojas, na identificação de elementos das diversas religiões dentro desse tipo de comércio, e na participação das floras na extensão do universo religioso para além dos terreiros, e como elas participam e influenciam a comunidade a sua volta.

Esperamos que os conhecimentos obtidos na presente pesquisa contribuam com o aumento dos estudos sobre o assunto, ampliando os horizontes de conhecimento sobre o objeto pesquisado. Também desejamos que este estudo desperte interesse de outros estudantes e pessoas do grande público (aquelas pessoas que formam a sociedade ao redor do objeto, ou que não estão inseridas no ambiente acadêmico) acerca do assunto.

1. De dentro para fora dos terreiros

1.1 Fundamentação teórica

Para adentrar na análise do nosso objeto, será necessário primeiramente compreender alguns conceitos que nos ajudarão a traçar e construir a discussão. Podemos começar por Stuart Hall, que traz a noção de diáspora a descrevendo como um processo de dispersão geográfica, cultural e social de um grupo, como aconteceu com os migrantes caribenhos, e as diversas etnias africanas que chegaram ao Brasil ao longo das centenas de anos de colonização e escravidão.

Esse processo, que muitas vezes se dá a força, implica em grandes rupturas sociais, culturais e identitárias que abrem espaço para a formação de novas formas de cultura, sociedade e identidades híbridas. Ainda assim ele permite também a continuidade da identidade e cultura de origem, possibilitando uma mescla cultural e desafiando a noção de identidade fixa e imutável, e reconhecendo as múltiplas possibilidades que as interações geradas por essa situação diaspórica, fornecem para a construção cultural e social dos grupos que dela participam. Uma simples mudança de local não inviabiliza a permanência da identidade cultural, como o autor mesmo diz:

Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. É impermeável a algo tão “mundano”, secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência. A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do Império em toda parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão (HALL, 2003, p. 28).

Utilizaremos também o conceito de hibridismos a partir de Canclini (2003) para seguirmos a análise. O autor entende “por hibridação processos socioculturais nos quais as estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (Canclini, 2003, p. XIX) a partir de processos migratórios, como exemplo da diáspora.

O conceito é uma alternativa mais completa para tratar dessas mesclas socioculturais, do que termos que lhe antecederam, tais como mestiçagem, sincretismo e criouliização. Não se trata de uma fusão cultural simples e homogênea, mas sim de um processo complexo de constante negociação entre diversos elementos culturais de grupos sociais distintos, intensificado pela globalização:

Como a hibridação funde estruturas ou práticas sociais discretas para gerar novas estruturas e novas práticas? Às vezes, isso ocorre de modo não planejado ou é resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico ou comunicacional. Mas freqüentemente a hibridação surge da criatividade individual e coletiva. Não só nas artes, mas também na vida cotidiana e no desenvolvimento tecnológico (CANCLINI, 2003, p. XXII).

Ao contrário do sincretismo, proposto inicialmente por Nina Simone (1988), que implica a essas interações entre as culturas, o peso e a inferiorização das práticas mais “sincréticas” em detrimento às práticas consideradas “puras”, sem grandes influências de outras práticas que não aquelas de origem. Como bem nos pontua de forma simplificada, juntamente a outros problemas deste conceito, Léo Carrer:

[...] temos, em primeiro lugar, aquela que coloca a utilização do sincretismo por parte dos africanos como uma máscara atrás da qual escondiam seus deuses; segundo, o “mito da pureza africana”, que acabou fazendo com que o sincretismo ou as religiões assumidamente sincréticas fossem vistas como “deturpações” da religião africana; e em terceiro lugar, como consequência deste último, o engessamento do conceito de cultura proporcionado pela visão da mistura entre religiões como violação de uma pretensa pureza cultural (CARRER, 2009, p. 23).

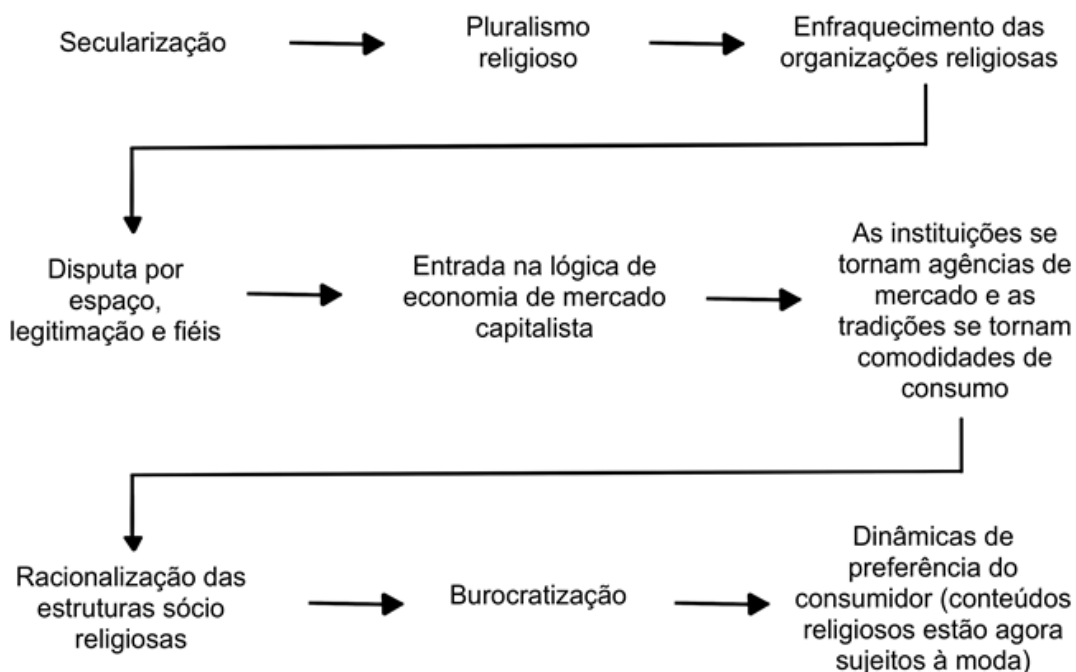
Por fim, um outro importante conceito que utilizaremos é o de secularização de Berger (2007), que explica um processo socio-estrutural em que as instituições religiosas perdem o seu poder dominante sobre diversas áreas da vida humana:

Não é difícil esboçar uma definição simples de secularização para nossos fins. Por secularização entendemos o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos. Quando falamos sobre a história ocidental moderna, a secularização manifesta-se na retirada das Igrejas cristãs de áreas que antes estavam sob seu controle ou influência: separação da Igreja e do Estado, expropriação das terras da Igreja, ou emancipação da educação do poder eclesiástico, por exemplo. [...] Ela afeta a totalidade da vida cultural e da ideação e pode ser observada no declínio dos conteúdos religiosos nas artes, na filosofia, na literatura e, sobretudo, na ascensão da ciência como uma perspectiva autônoma e inteiramente secular, do mundo (BERGER, 2007, p. 144).

Com essa racionalização trazida pela lógica socioeconômica capitalista e industrial, e a perda de espaço que surge a partir da separação entre Igreja e Estado e a racionalização da vida do homem, chegamos ao pluralismo religioso, que faz com que as organizações religiosas se enfraqueçam e tenham que disputar espaço, devotos e legitimidade (FIGURA 1).

Figura 1: Esquema sobre a secularização

Elaboração: Larissa Dantas



Desta forma, as religiões estão fadadas a entrar na lógica mercadológica, em uma competição entre si afim de manter os que ficaram e buscar novos fiéis. Essa racionalização das estruturas religiosas se expressa na burocratização das mesmas. E agora as instituições religiosas se tornaram “agências de mercado”, que precisam competir entre si. As tradições religiosas viram bens, ou como Berger chama, “comodidades de consumo”,

A submissão é voluntária e, assim, por definição, não é segura. Resulta daí que a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser *colocada no mercado*. Ela tem que ser “vendida” para uma clientela que não está mais obrigada a “comprar”. A situação pluralista é, acima de tudo, uma *situação de mercado* (BERGER, 2007, p. 180).

Sendo assim, os fiéis viram consumidores da mercadoria oferecida e as instituições precisam estar atentas às dinâmicas de preferência de consumo dos clientes, bem como a inovação constante do mercado de bens religiosos.

1.2 A religiosidade afro-brasileira: Brasil e Goiânia

O Brasil, como grande cenário do processo diaspórico, tem a sua história construída com base na interação de todos aqueles que aqui já estavam e os que chegaram: indígenas, europeus e africanos escravizados. A partir dessas interações e hibridizações, podemos acompanhar a formação da identidade e cultura brasileira como conhecemos hoje.

Com a religião não foi diferente. Para o presente trabalho, daremos maior atenção ao que hoje chamamos de religiões de matriz afro-brasileira, tendo em foco as mais conhecidas: o Candomblé e a Umbanda. Duas religiões distintas, originalmente brasileiras e que, por muitas vezes, foram confundidas como uma coisa só.

O Candomblé, religião originada dos credos professados em variadas nações, teve grande valor de identificação social e de comunidade para os grupos que aqui enfrentavam condições extremas, violência e desamparo, principalmente com a escravização. Diante das condições impostas, essas pessoas fizeram o que estava ao seu alcance para manter viva suas tradições, sua cultura e a si mesmos, como nos indica Silva (2005, p. 15). A partir do período colonial, inseridos numa situação diaspórica (Hall, 2003), os negros que aqui chegaram eram obrigados a praticar o catolicismo. Em sua não pacificidade diante das condições, assistimos o hibridismo dos deuses africanos, santos católicos e a relação desses elementos com o espiritismo e a religiosidade ameríndia.

Ainda no início do século XVIII, novas formas e organizações de religiosidades dariam vazão ao nascimento do Candomblé como conhecemos hoje: uma religiosidade afro-brasileira própria. Ainda nos setecentos, sua maior parcela de prática estava concentrada na área rural, com a aproximação da abolição da escravidão e da Proclamação da República, esse contingente foi se modificando Ulhoa (2011, p. 41). A partir de 1888 e 1889, os ex-escravizados e seus descendentes, agora vivendo em grande parte nas cidades, seguiram sem apoio, estrutura, condições e marginalizados pelo governo e pela sociedade. Nesse cenário o Candomblé emergia, como pontua Silva:

[...] estavam presentes nas cidades brasileiras desde o período colonial, tornaram-se também núcleos privilegiados de encontro, lazer e solidariedade para negros, mulatos e pobres em geral, que encontraram neles o espaço onde construir suas heranças e experiências sociais, afirmando sua identidade cultural (SILVA, 2005, p. 56).

Já a Umbanda se trata de uma religião mais recente, que teve como plano de fundo o interesse que surgiu a partir do século XX da classe média artística e intelectual pela cultura negra, indígena e marginalizada, abarcando um “resgate” das origens da formação da sociedade e cultura brasileira. Nos meados dos anos 1920, temos o aumento do interesse pela religião destes, e logo em seguida, a entrada da classe média branca no escopo religioso afro-brasileiro. Esse interesse de uma classe social melhor vista pela sociedade, somado à “suavização” de elementos tidos como muito extremos, fez com que essa religião fosse melhor aceita socialmente, como explica Silva:

A umbanda constituiu-se, portanto como uma forma religiosa intermediária entre os cultos populares já existentes. Por um lado, preservou a concepção kardecista do carma, da evolução espiritual e da comunicação com os espíritos e, por outro, mostrou-se aberta às formas populares de culto africano. Contudo, não sem antes purificá-las, retirando os elementos considerados muito bárbaros e por isso estigmatizados: o sacrifício de animais, as danças frenéticas, as bebidas alcóolicas, o fumo e a pólvora. Ou quando se fazia necessário o uso desses elementos, explicando-os “cientificamente”, segundo o discurso racional do kardecismo (SILVA, 2005, p. 112).

Tivemos então uma grande interação entre elementos das religiosidades dos negros, indígenas, católicos e kardecistas (presentes no Brasil desde o século XIX). Toda essas relações e influências de diversas culturas, nações e religiões são um ótimo exemplo do processo de hibridismo, citado por Canclini.

Em Goiás – de acordo com os assentos de batismos na antiga cidade de Meya Ponte (atual Pirenópolis), referenciados por Loiola (2008) –, a presença dos escravizados se deu ainda na década de 1730, no início da exploração de ouro na região, liderada pelo bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva. Não temos registros de expressão de religiões tradicionais na região da mesma forma que se deram na Bahia e em outros lugares do Brasil (batuque, calundu, xangô, tambor de mina, macumba, cabula, catimbó, pajelança), mas isso não quer dizer que não encontramos elementos religiosos afro-brasileiros similares desde os tempos provinciais, como Ulhoa demonstra:

É nesse sentido que importa mencionarmos a presença de outros tipos de manifestações religiosas que, mesmo sendo totalmente distintas do candomblé e das demais religiões “tradicionais”, e mesmo estando estreitamente relacionadas à instituição católica, podem ser consideradas afro-brasileiras: as festas promovidas pelas irmandades de pretos católicas (ULHOA, 2011, p. 62).

À luz da igreja os pretos se utilizavam das irmandades católicas destinadas para si na província, para também, na medida do possível, professar a sua fé e manter um senso de comunidade.

A presença dessas duas religiões, Candomblé e Umbanda, como são hoje conhecidas, teve seus primeiros passos assistidos na região de Goiás somente muito tempo depois. No final da década de 1940, na recente capital Goiânia, temos os primeiros sinais da Umbanda na região, e posteriormente temos a abertura do Centro Eclético Espiritualista Tenda do Caminho (Ulhoa, 2011, p. 127) como um dos primeiros centros com elementos umbandistas. Após isso, rapidamente assistimos a contribuição de outras casas umbandistas no rompimento da hegemonia católica na capital.

É necessário aqui, chamarmos a atenção para um recorte que a própria autora cita em sua dissertação: a maior facilidade da Umbanda em ganhar espaço e adeptos na nova capital do que o Candomblé, levando em consideração a primeira ser uma religião mais “próxima” de aspectos europeus, em volta das quais a cidade tentava se construir e se estabelecer,

Desse modo, imaginamos que a entrada da umbanda na cidade de Goiânia, ao contrário do que possivelmente ocorreria com o candomblé, não se apresentou como um insulto ou como um acontecimento que desestabilizou o projeto da modernidade eurocentrada, associado, claro, ao projeto cristão, principalmente porque o agenciamento dos terreiros umbandistas se pautou em importantes estratégias de sobrevivência como, por exemplo, o uso do termo “centro espírita” em seus nomes, de modo que pudessem se passar por “inofensivos” centros kardecistas. (ULHOA, 2011, p.131)

Já a presença do Candomblé na região só será assistida por volta de 1970, já na recente e urbana capital Goiânia. O terreiro de João de Abuque (Ilê Iba Ibomin), considerado o primeiro terreiro da recente cidade, que deu o pontapé inicial para o estabelecimento da religião aqui. E mesmo que os centros umbandistas tenham de certa forma aberto o caminho para a presença do Candomblé, a repressão policial e social ainda era muito presente na região (Ulhoa, 2011).

1.3 Surgimento das floras

Para explicar o processo de formação das lojas de artigos religiosos afro-brasileiros no Brasil, conhecidas também como Floras, é preciso levar em consideração a influência dos negros e das religiões de matriz afro-brasileira.

Como José Flávio (2014) retrata, o conhecimento e manuseio das plantas são um ótimo exemplo da rica contribuição dos escravizados aqui trazidos, e um dos elementos mais importantes para as religiosidades de matriz africana. Essas religiões sempre tiveram uma ligação direta com a natureza e seus variados elementos, que são até hoje imprescindíveis para seus rituais e cerimônias. Tendo isso em vista, entendemos que há muito tempo já existia um tipo de comércio que supria as demandas ligadas à religiosidade e à saúde dos negros, que existia simultaneamente com a “ciência médica dos brancos”, como Barros explica:

Em cada bairro da cidade existe um cirurgião africano, cujo consultório, bem conhecido, é instalado simplesmente à entrada de uma venda. Generoso consolador da humanidade negra, dá suas consultas de graça, mas como os remédios recomendados contêm sempre algum preparado complicado, fornece os medicamentos e cobra por eles (SILVA, 1981: 142 *apud* BARROS, 2014, p. 11).

Na diáspora africana tivemos não apenas uma movimentação de pessoas, mas também de produtos que elas levaram consigo. Para professar sua religiosidade e cultura diante da distância de sua terra de origem, os negros precisavam importar os produtos necessários para suas cerimônias ou criar meios de acessá-los na nova terra: “Quando não foi possível o encontro de sucedâneos, escravos e libertos desenvolveram estratégias para que as espécies fossem trazidas do continente africano” (Barros, 2014, p.38).

A partir dessa demanda cria-se um tipo de comércio específico. Ele inicialmente estava ligado ao terreiro de forma ritualística. Todavia, passou a se desenvolver para além dele, tanto pela facilidade de encontrá-las nos chamados “erveiros” (BASTIDE, 1973: 369 *apud* BARROS, 2014, p. 24), quanto pelas mutações assistidas pelos terreiros ao longo do tempo, da urbanização e das relações que se estabeleciam a sua volta.

Entretanto, em decorrência desse mesmo processo histórico, esse saber se encontra também disseminado na sociedade abrangente, nas mãos de mateiros e vendedores de ervas que geralmente não possuem vínculos iniciáticos com as casas de culto; são independentes, prestam serviços e vendem mercadorias às diferentes comunidades religiosas e ao público em geral, em praças, mercados e feiras. A transmissão do conhecimento, nesse caso, processa-se de maneira transgeracional (FLÁVIO, 2011, p. 47).

Essa relação também se percebe nos nomes pelos quais as lojas de artigos religiosos afro-brasileiros são comumente conhecidas hoje em dia: floras. Na língua portuguesa a definição comum de flora pode ser encontrada em dicionários como designando

1. conjunto de plantas que crescem em uma região, país ou ambiente; 2. livro com a descrição das plantas de um país ou região, determinando e registrando suas espécies; 3. conjunto de plantas que florescem numa determinada época do ano ou num ambiente específico; 4. reunião das plantas que têm um propósito ou são usadas de uma maneira específica: flora medicinal. (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, 2023, não p.)

No contexto da capital goiana, é possível notar a presença desse tipo de comércio em algumas das regiões mais centrais e de grande movimento comercial da cidade até a primeira década dos anos 2000, como Ulhoa (2011, p. 176) bem mapeou em seu trabalho: Flora Pai José (década de 1960); Flora Sete Flechas (1972); Flora São Jorge (1978) – atualmente fechada; Flora Tupã (1978) – atualmente fechada; Bazar Xangô (1978); Flora Araújo (1979) e Flora Nossa Senhora Perpétuo Socorro (sem informação de data). A autora explica que nas linhas da cidade, o comércio que se relaciona com a religiosidade é bem variado, exemplificando com as floras, as lojas de plantas medicinais e as casas de costura:

Naquelas primeiras [as floras], os adeptos do candomblé podem adquirir produtos importantes para o andamento das atividades cerimoniais e rituais do terreiro, o que inclui desde esteiras de palha, velas e colares de conta, até imagens das divindades, paramentas e quartinhas de argila ou cerâmica (ULHOA, 2011, p. 172. Acréscimo nosso).

É importante lembrar que a relação entre religião e comércio na cidade de Goiânia, assim como nas outras partes do país, não se dá somente através das lojas. A lógica de mercado alcançou o espaço interno dos próprios terreiros através dos recursos oferecidos pelos sacerdócios, como consultas e outros serviços “mágico-religiosos” (ULHOA, 2011, p. 173), conforme Berger (2007) explica que acontece no processo de secularização.

2. As floras de Goiânia: entre o mundo da internet e narrativas orais

2.1 As floras de Goiânia: um mapeamento

Durante a pesquisa, foi realizado um novo mapeamento das floras na cidade de Goiânia com base em uma junção de dados de indicações dos donos das lojas entrevistados e de seus clientes. Juntamente disso, fizemos um levantamento através de pesquisas no Google Maps e Street View e redes sociais (Instagram e Facebook). Foi realizada consulta também no site da Receita Federal para verificação de CNPJ de lojas mais antigas já mapeadas por Ulhoa (2011) e validação das que seguem ou não em funcionamento. Para além disso realizamos também contatos via ligação, WhatsApp e visitas in loco para descobrir se as lojas estão em funcionamento e o ano em que foram fundadas.

Traçando um paralelo com o mapeamento que Ulhoa (2011) fez, a primeira coisa que percebemos é um aumento do número das lojas na cidade a partir de 2011, que antes eram 7 e passam a ser 14 (Quadro 1).

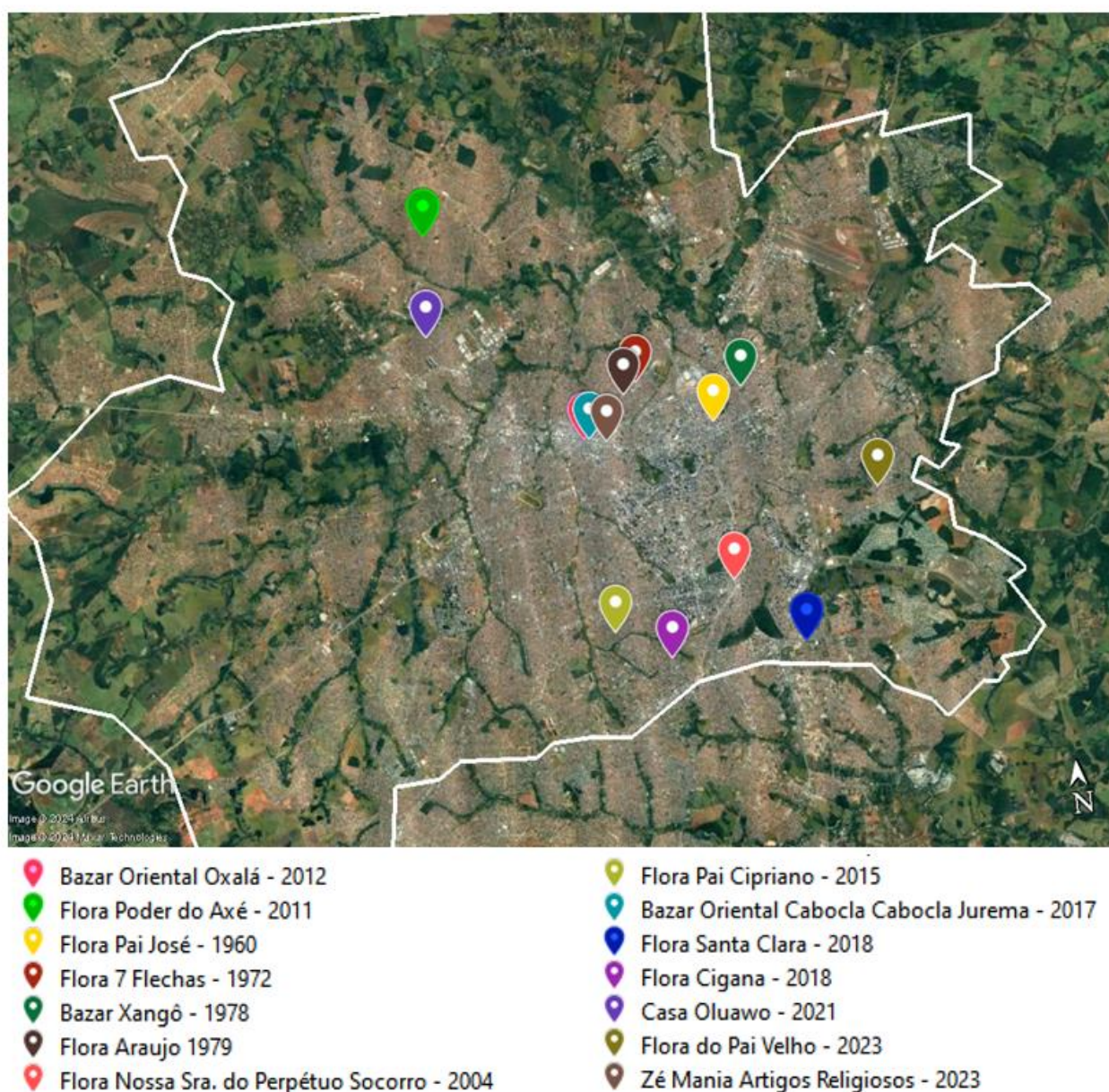
Quadro 1 - Relação de Floras em Goiânia 2023		
Nome da loja	Ano	Bairro
Flora Pai José	Início de 1960	Setor Central
Flora Sete Flechas	1972	Setor Centro Oeste
Bazar Xangô	1978	Setor Vila Nova
Flora Araújo	1979	Setor Centro Oeste
Flora Nossa Senhora Perpétuo Socorro	2004	Setor Pedro Ludovico
Flora O Poder do Axé	2011	Setor Morada do Sol
Bazar Oriental Oxalá	2012	Setor Campinas
Flora Pai Cipriano	2015	Jardim América
Bazar Oriental Cabocla Jurema	2017	Setor Campinas
Flora Santa Clara	2018	Jardim Bela Vista
Flora Cigana	2018	Parque Amazônia
Casa Oluawo	2021	Jardim Nova Esperança
Flora do Pai Velho	2023	Conjunto Riviera
Zé Mania Artigos Religiosos	2023	Setor dos Funcionários

Pesquisa e elaboração: Larissa Dantas

Durante a análise foi possível perceber também uma mudança na disposição das floras em relação à cidade. No mapeamento de Ulhoa (2011) é notável a quantidade de lojas concentradas em bairros que são conhecidos centros comerciais. Na presente pesquisa percebemos que houve um aumento nas floras situadas em bairros mais periféricos e afastados desses centros. (FIGURA 2).

Figura 2: Localização espacial das floras em Goiânia – 2023

Pesquisa e elaboração: Larissa Dantas



Apesar do grande número de lojas que ainda se situam nas regiões de maior movimento comercial, percebemos uma descentralização delas, que acompanha a expansão urbana da cidade. Expansão essa que se dá tanto com o aumento de

moradores e residências, como também de estabelecimentos comerciais através do avanço do capital ao longo das últimas décadas. Esse comércio, é claro, também acompanha essa dinâmica. Com relação ao movimento dos próprios terreiros em meio à expansão da cidade, caberia um estudo mais aprofundado mapeando a movimentação dessas casas religiosas.

Na construção do presente trabalho foram escolhidas quatro lojas para análise e realização de entrevistas, que chamaremos aqui de Loja 1, Loja 2, Loja 3 e Loja 4, a fim de preservar a identidade dos entrevistados, uma exigência feita pelo comitê de ética em pesquisa da UFG. Na escolha das lojas levamos em consideração o ano de criação: lojas mais antigas em contraste com mais recentes. Entretanto, durante todo o processo da pesquisa, por motivos de saúde, a proprietária da Loja 4 não teve disponibilidade para os encontros, tendo sido essa loja excluída de nosso escopo de pesquisa.

A proprietária da Loja 1 é uma mulher negra de 44 anos, que está inserida na religião umbandista. Sua loja é uma das mais novas dentre as escolhidas e mudou recentemente de endereço. Conta com um espaço grande e diversos produtos voltados para o Candomblé, Umbanda, catolicismo e esoterismo.

A proprietária da Loja 2, também é uma mulher, branca, de 39 anos e se declara como católica, mas informa que de vez em quando também frequenta centros de Umbanda fora de Goiânia. Sua loja está situada no mesmo endereço desde a abertura, há mais de 40 anos. É uma das mais citadas por adeptos da cidade e conta com um espaço pequeno e uma variedade enorme de produtos voltados Candomblé, Umbanda, catolicismo e esoterismo.

O proprietário da Loja 3 é um homem, branco, de 63 anos, também católico, mas não praticante. Sua loja está situada em uma das regiões de maior centralidade comercial da cidade e expõe diversos itens também umbandistas, candomblecistas, esotéricos e católicos, sendo esses últimos em grande volume.

Para as entrevistas utilizamos um roteiro semi-estruturado (FIGURA 3) e, com base nele, foi conduzida uma conversa de forma fluida, para que os entrevistados se sentissem mais confortáveis. O contato inicial foi realizado pessoalmente, primeiro para um filtro de disponibilidade para as entrevistas. Em seguida agendamos uma data em que fosse mais confortável para os participantes a realização da entrevista em si.

A condução da conversa se deu sem complicações, e sua duração foi entre trinta minutos e pouco mais de uma hora. Os entrevistados ficaram à vontade para pausar sempre que necessário (em caso de atendimento de clientes, por exemplo) ou não responderem o que não se sentissem confortáveis. Entretanto todas as perguntas propostas foram respondidas, até mesmo as que foram inseridas durante as possibilidades apresentadas pela conversa.

Figura 3: Roteiro de entrevista

Elaboração: Larissa Dantas

O roteiro a seguir conduzirá as entrevistas a serem realizadas durante a pesquisa intitulada “Entre floras e terreiros: uma análise da presença das lojas de artigos religiosos afro-brasileiros em Goiânia (1960-2023)”, levando em consideração a possibilidade de adaptação das perguntas enumeradas respeitando as particularidades de cada entrevistado.

1. Identificação, idade e religião?
2. Como foi a criação dessa loja? Qual foi sua motivação para a entrada nesse comércio?
3. Você tem alguma relação com as casas religiosas (terreiros) da cidade?
4. Quem é o seu público alvo? Os produtos que vocês fornecem tem algum nicho ou religião principal?
5. Como é seu público? Você acha que tem muitos clientes que não são da religião? Curiosos talvez?
6. Existe ao longo do ano um aumento ou diminuição da procura de determinado produto?
7. Você acredita que sua loja entende e acompanha as necessidades/demandas desses terreiros na procura por produtos?
8. Além da venda de artigos religiosos, você se envolve em eventos, rituais ou outros aspectos das religiões? Como?
9. Você acha que os desafios enfrentados quando abriu a loja e os de hoje mudaram em algo ou continuam os mesmos?
10. Você acredita que o seu comércio contribui para o fortalecimento das religiões afro-brasileiras? Como?
11. Existe na sua loja uma procura de produtos autênticos de outro lugar (como África)? Se sim, como você faz esse controle de qualidade dos itens vendidos para este público?
12. Quais são as principais mudanças vivenciadas por você ao longo dos anos no comportamento de compra e nas preferências dos praticantes das religiões afro-brasileiras?
13. Como é a relação entre a sua loja e a sociedade a volta dela? E os vizinhos do comércio?

Para a análise dos dados das entrevistas, foi utilizada a contribuição de Gomes (2007) acerca do método de análise de conteúdo a partir da perspectiva pós-década de 1970, que conta com avanços em sua definição:

- (a) a existência de mais uma técnica para analisar conteúdos de mensagens;
- (b) a possibilidade de se analisar conteúdos a partir da perspectiva qualitativa;
- (b) o uso de inferências que partem da descrição dos conteúdos explícitos da comunicação para se chegar a dimensões que vão para além da mensagem. Em outras palavras, através da análise de conteúdo, podemos caminhar na descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado (GOMES, 2007, p.83).

Através dessa perspectiva atualizada, a pesquisa é situada no texto como “reflexos de uma cultura”, que indica o trabalho com formas simbólicas que:

(a) expressam propósitos daqueles que as produzem ou as reproduzem; (b) são constituídas a partir de regras, códigos e convenções; (c) são estruturais, expressando modelos; (d) representam algo ou alguma coisa diferente de si próprias; (e) se inserem em processos e construções sócio-históricas específicas (GOMES, 2007, p. 98-99).

A utilização de um roteiro semi-estruturado nos permitiu uma flexibilidade para mudar a ordem das perguntas de acordo com o curso da conversa, ou mesmo adicionar outros assuntos e questionamentos que pudessem ser pertinentes para a pesquisa. O método de Gomes (2007) nos trouxe a possibilidade de compreensão e análise para além do explícito, levando também em consideração as camadas implícitas que possam estar contidas nas narrativas dos participantes.

2.1 Decifrando as narrativas

As entrevistas nos proporcionaram uma rica e aprofundada visão das práticas, crenças e experiências dos proprietários das lojas. Ao explorar as falas dos participantes pretendemos elucidar a complexidade das relações religiosas e sociais que permeiam esse tipo de comércio tão presente no cenário goianiense.

Passando para a análise do conteúdo, as três primeiras questões foram propositalmente colocadas juntas para que o início da conversa fosse mais fácil. A partir disso foi inserido outras perguntas que se relacionam às primeiras e, dessa forma, foi possível perceber que, ao contrário do que se possa pensar, as lojas não têm em sua grande maioria, uma ligação direta com as religiões de matriz africana. Dois dos três entrevistados relataram pertencer à religião católica, ainda que vez ou outra frequentassem os centros onde são convidados. E apenas uma se declara umbandista. Um outro ponto que chama a atenção é que para todos os participantes a entrada nesse comércio se deu através da questão financeira ou situacional dos proprietários da época, e não por algum tipo de relação que existisse com as religiões, como demonstram os trechos a seguir:

Proprietário da loja 1: Então, na verdade quem criou a loja, quem idealizou foi a minha irmã [...]. Então foi ela que quis ter a loja e tal. Aí ela me chamou para trabalhar com ela. Só que como ela trabalhava em outra empresa, eu ficava na loja e ela trabalhava na empresa dela. Mas aí passou uns meses e ela desmotivou, como eu já tava na loja eu continuei (Proprietária da loja 1, 2023).

Proprietário da loja 2: No caso do meu esposo não foi nem tanto o interesse pela religião, é mais a questão financeira mesmo, a necessidade de trabalhar né. Na época quando ele veio trabalhar aqui ele tinha 17 anos, então praticamente ele viveu uma vida aqui dentro dessa loja, né. E quando eu vim pra cá eu já tinha 3 anos de casada com ele, no caso também uma necessidade, né, que ele precisava de alguém pra tá ajudando ele né, e no caso essa pessoa fui eu. Que eu vim pra cá ajudá-lo, né. E daí então 22 anos aqui. Então assim, tudo o que eu aprendi foi com ele aqui dentro (Proprietária da loja 2, 2023).

Proprietário da loja 3: [O sogro, fundador da flora] Ele faleceu, não tinha quem assumisse o negócio aí eu desfiz meus negócios que eu tinha e entrei com uma parceria com a filha dele e estamos até hoje tocando esse negócio aí há 25 anos atrás. [...] O brasileiro, ele não pode escolher o que ele quer fazer porque na atual conjuntura a crise vem levando todo mundo a algumas dificuldades. Eu já tive vários ramos de negócio [...]. E agora por último tô tocando esse ramo. Por incrível que pareça não é um gênero, um produto que tem muito giro né. Mas foi o que mais adaptou a minha situação no momento. Como a coisa foi indo, estamos tocando aí até hoje (Proprietário da loja 3, 2023).

Podemos perceber que apenas uma participante mostra uma relação direta com alguma das religiões de matriz afro-brasileira. A abertura da loja se deu após sua entrada para a casa de Umbanda da qual participa, e ainda assim, não pelo seu interesse ligado diretamente à religião, mas porque sua irmã tinha vontade de entrar para esse ramo comercial. Para os outros participantes, não só eles não tinham nenhum envolvimento pessoal com as religiões afro-brasileiras antes da abertura da flora, como desde a abertura da loja, isso não mudou. Mesmo que eles tenham que ter ao menos um conhecimento básico sobre as práticas religiosas para poderem determinar os itens que vendem, isso não se traduziu em uma conversão a essas religiões.

Já em relação ao envolvimento com as casas religiosas da cidade, todos os proprietários também demonstraram que não estabelecem relações pessoais com os terreiros da cidade até hoje, mesmo com anos de loja, com exceção da proprietária da Loja 1, que tem relação pessoal apenas com a casa de Umbanda que frequenta. Os entrevistados demonstram uma preocupação em manter uma boa relação com os responsáveis pelos terreiros, mas apenas a relação de vendedor-cliente.

Proprietária da loja 1: Tenho assim, tenho da minha casa que eu participo. Mas as outras casas não, não tenho nenhuma relação assim não. Tem alguns pais de santo que eu conheço, que eu tenho relação, mas mais comercial do que dentro da casa mesmo.

Proprietária da loja 2: Não, nenhuma relação pessoal. Só o relacionamento de venda mesmo. Somente venda, nada interligado loja com centro, com terreiro. É individual.

Proprietário da loja 3: Eu tenho uma política de comércio assim, como eu sou comerciante antigo, eu não gosto de ficar indo muito nos terreiros por que você tem que tomar partido. Se você for no terreiro de um, você tem que ir no terreiro de outro. [...] Mas a gente... não participo não. Não quer dizer que eu não vou. Faço uma visita pra eles, mando um oi, mantenho contato com os proprietários por zap, talvez por vídeo conferência, mas não chego ir direto.

Essa preocupação em manter um distanciamento entre casas religiosas e floras, exemplifica a relação impessoal que se coloca propositalmente na lógica de mercado como resultado da secularização das religiões, como é descrita por Berger (2007). E a dinâmica dos proprietários de preferirem não frequentar os terreiros para não abrir possibilidade para impressões de que estão dando preferência a uma casa ou outra, mostra a preocupação em se manter uma boa relação com toda a clientela de pais ou mães de santo que são atendidos por suas lojas.

Com relação ao público a quem se direcionam essas lojas e os produtos vendidos por elas, percebemos que apesar de bem variado (umbandistas, candomblecistas, católicos e seguidores de tradições esotéricas) os proprietários se concentram majoritariamente nos seguidores da Umbanda e do Candomblé. Os produtos oferecidos pelas floras também ficam concentrados dentro desse nicho.

Alguns produtos se mantêm como grande saída desde o início das lojas. As velas são citadas por todos os participantes como carro chefe dos estabelecimentos, seguidos de imagens e banhos. As mudanças que ocorrem ao longo do ano na procura por produtos diferentes podem ser observadas de acordo com os meses de determinado orixás ou santos, e se repetem ao longo dos anos com influência de aumento ou diminuição de acordo com a economia do país.

Proprietária da loja 1: [...] depende tipo assim, vamos supor, na época de Ogum né. Então depende do mês do santo né. As vezes em janeiro é Oxóssi, aí o povo procura mais imagem, alguma coisa que remete, né. As vezes isso acontece. Mas geralmente os produtos que vende é bem recorrente mesmo, assim, os meus. Ou quando alguém vai dar alguma obrigação, aí tem uma saída maior daquilo, né. Igual agosto sai muita palha da costa, mas durante o restante do ano sai bem pouco.

Proprietária da loja 2: Como se diz, é muito relativo. Vamos supor, se for o dia de algum santo logicamente vai vender bastante imagem daquele santo que é o dia. Ao contrário disso não. Ao contrário disso né, como se diz, trabalha a fé das pessoas. Eu acho que a fé é uma coisa né que não tem dia, hora marcada não. Então assim, a pessoa acha que é necessário, ela vem em busca do produto né. Então assim, é variável. Somente o comércio em si, tem os altos e baixos né. Mais a questão financeira. Mas em relação aos produtos não.

Proprietário da loja 3: [...] quando se trata de um dia de Iemanjá, um dia de Santo Antônio, um dia do Xangô, certo? Muita gente vem comprando esse

produto, que nós temos especificamente o produto para esse tipo de orixá mas não é tão forte como era antigamente, né? Mudou um pouco porque, como eu disse, as situações financeiras das pessoas não estão muito boas então a prioridade é coisa mais necessária, mas ainda se vende muita coisa nessas épocas.

É interessante observar que os proprietários buscam também manter seu comércio atualizado em relação à procura por produtos variados. Nas visões deles, por se tratar de um comércio não essencial, estão suscetíveis a crises econômicas quando os clientes dão preferência de compra a itens não supérfluos. Isso nos demonstra como o mercado religioso está suscetível às dinâmicas de preferência do consumidor, em que os conteúdos religiosos estão sujeitos a moda, como Berger (2007) aponta.

Proprietária da Loja 1: Aí algumas coisas que eu fui agregando, tipo mel, dendê que eu não tinha, aí é uma coisa que vende. Agora vende bastante porque o povo agora sabe que vc tem. Champagne eu não tinha, nem bebida alcóolica né, pinga. Então agora eu já vendo, né. Então assim, tem uma saída boa mas eu não tinha. Então eu vou procurando coisas que o povo vai procurando né, ao longo do tempo e agregando na loja.

Um exemplo disso, é que todos os participantes citam a dificuldade enfrentada pelo comércio desde a pandemia de COVID-19, que teve início em janeiro de 2020 e seu fim oficial declarado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em maio de 2023 (BRASIL, 2023). Os proprietários informaram que seus comércios, até o presente momento, ainda não conseguiram se reerguer e reconquistar os padrões de faturamento e lucro de antes da pandemia. Eles também afirmam que ainda enfrentam dificuldades para a permanência no comércio.

Também percebemos durante o processo das entrevistas que a relação que se criou entre as lojas e os clientes muitas vezes leva a religião para fora dos terreiros. Os comerciantes citam a busca dos clientes pela resolução de problemas ou feitura de trabalhos diretamente através da loja. Eles pontuam a procura de produtos, indicações de receitas e de formas para conseguirem aquilo que desejam de forma rápida, através do balcão e sem ter que passar pelo ritualístico que os terreiros propõem.

Proprietário da loja 3: Que que está acontecendo, a pessoa tem uma necessidade lá na casa dela, está com dificuldade em alguma coisinha, quer vender um imóvel, quer fazer um trabalho porque acha que está atrapalhando a vida espiritual, aí vê a nossa loja a qualquer momento de acordo com o tempo e o que ele está precisando.

Os próprios vendedores influenciam as receitas e indicações passadas pelos terreiros. Seja por não terem o produto recomendado, seja por acreditarem que daquela forma é a mais indicada. As compras já não passam necessariamente pelas indicações de pais e mães de santo dos terreiros e percebe-se uma busca pela utilidade da mercadoria apenas como comodidade de consumo, e não necessariamente como algo estritamente dentro das tradições religiosas (Berger, 2007) contidas nos terreiros. Essas tradições religiosas não funcionam mais como eram na chegada dos escravizados no Brasil, pós-diáspora (Hall, 2003). Agora estão submetidas aos hibridismos (Canclini, 2011) aqui vivenciados ao longo dos séculos, e forjadas a se adaptar dentro da lógica de economia de mercado capitalista (Berger, 2007). Esses elementos aparecem de forma muito clara na narrativa da proprietária da loja 2:

Proprietária da loja 2: [...] tanto eu, quanto meu esposo a gente visava sempre assim, o lado mais tranquilo, né. Então assim, a gente focou muito nisso. Em querer ajudar, em querer fazer o bem. Então assim, eu acho que até mesmo a forma da gente vender ou de conversar com o cliente, ele acaba mudando o sentido da coisa que ele vai fazer. Vamos supor que uma pessoa chega aqui querendo fazer o mal pra alguém, e as vezes até numa conversa ele muda o produto que ele vai comprar.

Através disso, percebemos que muitas vezes a própria sociedade vê as floras como uma extensão da religião. Tanto na procura por elementos das religiões afro-brasileiras – como se o comércio fosse uma pequena amostra dos terreiros – quanto através da relação que se dá entre loja e a sociedade em volta dela. Nas entrevistas foi possível notar que o tipo de mercadoria que as floras vendem, muitas vezes dá o tom da relação com os vizinhos e transeuntes, seja no medo, no preconceito e até mesmo na cobrança que vez ou outra existe da loja (como extensão da religião) em ajudar os necessitados.

Proprietária da loja 1: É uma relação tranquila, nunca tive nenhum problema. As vezes um ou outro que entrega um panfletinho, né. Mas isso é tranquilo.

Proprietária da loja 2: Mas infelizmente eu tenho um vizinho que é evangélico, então a aceitação é pouca. Ele não conversa comigo, ele não olha na minha cara. Não é porque eu fiz nada, é porque ele não gosta da loja. É o preconceito mais uma vez entrando em destaque. Em relação as pessoas que passam na porta, a maioria passa benzendo o corpo, “tá amarrado em nome de Jesus”, “sagrado senhor” e assim por diante. [...] por exemplo, pessoas em situação de rua vê a loja como assim... eles acham que a loja em si tem obrigação de estar ajudando. Então é muito

morador de rua pedindo aqui na loja também. Eu acho que eles vê santo, as imagens, eles pensam algo que... obrigação talvez, nesse sentido.

Proprietário da loja 3: [...] Mas não quer dizer que volta e meia passa alguém que sai da sua calçada e vai para outra calçada porque não pode passar aqui, porque acha que isso aqui é uma casa de macumba, e infelizmente os jovens de hoje eles acham que tudo é macumba. E isso dificulta para ele entender.

É possível perceber, por vezes, ao longo do processo de análise, uma tentativa de distanciamento desses proprietários com relação às religiões afro-brasileiras. É quase como se estivessem tentando justificar sua presença nesse tipo de comércio. Sejam nas falas que deixam claro que a entrada nesse ramo foi puramente pelo lado comercial e econômico, ou quase fortuito, ao darem continuidade a estabelecidos fundados por outrem, ou nas que fazem questão de não estabelecer vínculos pessoais com os terreiros da cidade, ou mesmo nas que demonstram uma preocupação em deixar claro que as lojas não são casas de macumba. Tudo isso aponta para uma tentativa de não se relacionar as lojas com o peso que se projeta socialmente aos terreiros ou "casas de macumba".

Se percebe aqui uma dialética do distanciamento e proximidade entre o comércio e a religião. Ao mesmo tempo em que as lojas não têm envolvimento direto com os terreiros e não participam internamente do ritualístico da religião, elas são parte crucial para o funcionamento das casas religiosas e para a manutenção da fé dos fiéis, além de serem vistas pela sociedade como um espaço estendido dos terreiros e das religiões em si.

Quanto aos produtos comercializados nas lojas, observamos uma grande preocupação na qualidade dos produtos, buscando assim fornecedores de vários estados brasileiros, com destaque para São Paulo, Rio de Janeiro, Pará, Minas Gerais, Bahia e Distrito Federal. Dentro de Goiás foram citados também revendedores de menor porte e com nichos de produtos mais específicos (velas e artigos de barro, por exemplo) em Trindade e Anápolis.

Proprietária da loja 2: Dá um trabalhinho mas a gente consegue. Não é fácil não se adaptar com fornecedor, achar o produto do jeito que você precisa. As vezes também tem... tem vários fornecedores, mas aí aquele produto não é tão bom. Então eu procuro comprar de vários até chegar no que eu quero. Você experimenta de um, de outro. "Ah aqui, é esse aqui que eu gostei", então é esse aqui que eu vou continuar. E eu procuro ser fiel com o fornecedor que eu acho que está compatível preço, qualidade né. Porque eu também não coloco qualquer produto pra vender aqui dentro da loja não. Porque se você vende produto ruim, você não vai conquistar aquele cliente. Ele não vai ser assíduo na sua loja. Vai lá, compra uma vez e não volta mais. Então eu prefiro

ter um precinho mais alto e ter uma qualidade de produto, do que ter um produto ruim que a pessoa vai te compra uma vez e não volta mais.

Existe nessa preocupação com a qualidade dos itens oferecidos, uma estratégia de mercado. Os proprietários preferem ir em busca de um produto de boa qualidade para fidelizar os clientes, mesmo que isso implique em cobrar um pouco mais caro. Para além disso, é notável uma baixa demanda de produtos autênticos de fora do Brasil, como África, por exemplo. Ela existe, mas em pequeno número e geralmente chegam até os fornecedores nos grandes centros de distribuição citados anteriormente. A justificativa é de que existe uma dificuldade na importação de diversos produtos, tanto por políticas dos aeroportos, quanto por proibição do próprio país. Sendo assim, apesar de alguns distribuidores venderem alguns itens como produtos autênticos de fora do continente, a origem em sua maioria é de dentro do país.

Proprietário da loja 3: Hoje eles estão com muita dificuldade de trazer o produto da África pra cá. [...] Os africanos, eles têm dificuldade muito quando chegam nos aeroportos a Polícia Federal quer prender. Eles acham que o pessoal está fazendo contrabando, entre esse contrabando é droga. Eles estão sendo muito perseguidos. Então o que acontece? Hoje pra você trazer um produto da África você tem que pegar um grande distribuidor que possa importar, já traz tudo legalizado. Porque lá passa pela receita e não tem problema. Os pequenininhos, que eles chamavam de mula, estavam sendo presos nos aeroportos. Com isso alguns infelizmente tiveram que parar. Então não estão vindo mais. Quando você quer, tem um distribuidor em São Paulo, que você vai até ele e ele consegue comprar. Toda a produção concentrou toda na mão dele, é quando você compra esses produtos importados. Como eu citei, o obí africano, as peninhas, os próprios sabão da costa, tudo aquilo que vem de lá.

Temos aqui um assunto complexo para uma pesquisa distinta, mas a percepção do entrevistado de que existe uma perseguição com relação aos imigrantes africanos com destino a outros países, é interessante. As dificuldades de imigração, por motivos políticos ou sociais, colocam barreiras no alcance de oportunidades fora de seus países de origem, e dificulta a comercialização de produtos importantes para as religiões afro-brasileiras. Além disso, na visão do narrador, quando conseguem, se deparam com políticas migratórias restritivas, barreiras burocráticas e preconceitos em suas mais diversas formas.

Ao serem investigados sobre a possível influência que as florais exercem para o fortalecimento das religiões afro-brasileiras, podemos perceber que os entrevistados acreditam que seus estabelecimentos são parte crucial para as religiões. Seja por uma identificação que a clientela sente com os produtos ali vendidos, em que a presença

da loja proporciona um espaço onde as pessoas se reconhecem como parte das mesmas tradições religiosas; ou seja pelo fornecimento dos itens necessários na religião, desempenhando um papel crucial na viabilidade das práticas espirituais dessas religiões.

Proprietária da loja 1: Sim, né? Porque fortalece... é, eu acho que quanto mais... quando você tem uma loja a pessoa se identifica né, que é da religião. As vezes chega aqui e “ah, eu tava procurando uma loja e não sabia dessa aqui, que bom saber”.

Proprietária da loja 2: Com certeza, como se diz, aqui trabalha o foco em si né. Tudo que o pessoal precisa encontrar é aqui, então tem uma relação muito grande sim com a religião. Pode ter certeza.

Proprietário da loja 3: E se não fosse esse tipo de loja nossa, esse pessoal teria muita dificuldade de tocar os negócios deles. Como fosse assim, você quer uma bíblia, você vai em uma lojinha que vende a bíblia. Esse mercado todo, do Candomblé, da Umbanda, desses terreiros que tem no Rio de Janeiro, tudo é alimentado por essas lojas. Se não é essas lojas, eles não conseguem ter esses produtos para fazer os trabalhos que eles têm que fazer lá.

Mais uma vez é possível perceber uma relação direta entre florais e terreiros, em que um precisa necessariamente do outro para seu funcionamento, entretanto apenas de forma objetiva e mercadológica, na perspectiva material de suprimentos de produtos para os rituais, cerimônias e funcionamento cotidiano dos terreiros. Enquanto os terreiros precisam das lojas para o fornecimento de itens indispensáveis para as práticas religiosas, as lojas precisam dos adeptos como clientes para a continuidade de sua existência.

Por fim, acreditamos que as perguntas formuladas aos entrevistados foram pertinentes para a análise proposta neste trabalho. No entanto, diante da complexidade do assunto, o roteiro utilizado se mostrou insuficiente para esgotar as possibilidades de investigação. Dessa forma, em pesquisas futuras seria recomendável explorar aspectos e detalhes diferentes sobre essa relação entre florais e religiões afro-brasileiras.

3. Considerações finais

Como resultado da pesquisa, entendemos que as mudanças descritas por Barros (2014) que levaram ao desenvolvimento desse tipo de comércio religioso para além dos terreiros, têm sua aplicação assistida também aqui. As lojas não possuem

vínculo iniciático com as religiões e funcionam apenas como comércio, com transmissão de conhecimento através das relações geracionais de donos/funcionários e pesquisas de mercado sobre os bens de consumo, e não mais em uma perspectiva cultural e identitária, como era antes. A entrada nesse tipo de comércio religioso não é influenciada pelas religiões em si dentro do escopo pessoal, uma vez que em sua maioria não professam as religiões afro-brasileiras, mas sim pelas situações oportunas as quais os proprietários vivenciaram. Ao verem um nicho em que acreditaram ter potencial econômico, decidiram valer-se dele como ganho de vida. Inclusive é relevante a preocupação dos próprios donos das lojas em não se aprofundarem nas relações com os terreiros atendidos pela loja para que se mantenha uma relação profissional e impessoal entre vendedor – cliente. Vale aqui destacar a possibilidade de explorar esse tipo de relação e seus vínculos com uma possível cultura empresarial contemporânea, numa próxima pesquisa.

A partir das representações contidas nas falas dos entrevistados, podemos inferir que existe sim a percepção muito comum de que as lojas são uma extensão dos terreiros, seja pelos próprios clientes, seja pela sociedade em volta dela. Entretanto, essa relação se estabelece apenas dentro da lógica de mercado capitalista. Lojas e terreiros não constituem uma unidade só, e a realidade indicada ao longo da pesquisa é de que, apesar de se relacionarem diretamente, funcionam de maneiras distintas. O universo religioso, que agora está inserido num mercado de bens simbólicos mágico-religiosos e regido nas leis capitalistas de mercado, como Berger (2007) explica, passa pelo distanciamento das tradições religiosas, que antes eram diretamente ligadas aos terreiros, mas agora não são mais do que comodidades de consumo, vendidas diretamente nas lojas. Para além da não relação direta entre lojas e terreiros, isso pode ser assistido em vários outros âmbitos dentro dessas lojas. Por exemplo, na variedade de produtos ofertados, que abarcam não só as religiões de matriz africana, mas também produtos católicos e esotéricos, um exemplo do pluralismo religioso.

O pluralismo religioso se relaciona diretamente com a noção de hibridismos, e as lojas são um ótimo exemplo desse resultado da negociação de elementos culturais e grupos distintos. Essa adaptação das diversas tradições religiosas ao contexto do mercado capitalista leva à mistura de aspectos de religiões distintas sendo comercializados dentro de um mesmo local, se convergindo e formando um tipo de

comércio único que é parte indispensável para o exercício da fé. Além disso, dentro das próprias lojas os praticantes têm a possibilidade de misturar elementos de diferentes tradições para expressar sua religiosidade da forma que mais achar válida.

Portanto, entendemos que, apesar da relação direta que existe entre floras e terreiros, as lojas não são uma extensão deles. Seu funcionamento está pautado pela lógica de economia do mercado capitalista. Ainda que o funcionamento das lojas dependa da comercialização das tradições religiosas, a religião entra apenas como subsídio dessa relação. Os terreiros, por sua vez, se utilizam do fornecimento de produtos das lojas para a realização de suas cerimônias, mantendo uma relação de cliente – vendedor.

Por fim, percebemos que ainda existe um território muito vasto a ser explorado no que diz respeito ao processo de formação das floras em Goiânia. Para pesquisas futuras entendemos que existe um grande valor na investigação mais aprofundada nas histórias individuais dos proprietários e suas trajetórias pessoais que contribuíram para o nascimento daquele comércio. De igual maneira, a investigação mais direta das primeiras lojas de artigos religiosos afro-brasileiras de que se tem registros através de diversos tipos de fontes (fotografias, revistas, jornais, etc.) também seria deveras significativa. A análise das práticas desse tipo de comércio e suas interações com a sociedade em volta dele e com as comunidades afro-brasileiras se mostra como o pontapé inicial para um enriquecedor estudo sobre o comércio religioso afro-brasileiro na cidade de Goiânia.

4. Referências bibliográficas

BARROS, José Flávio Pessoa de. *A Floresta Sagrada de Ossaim: O segredo das folhas*. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2014.

BERGER, Peter (1985). *O Dossel Sagrado*. 9ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2007.

BHABHA, Homi Jehangir. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Governo Federal. **COVID 19 NO BRASIL**. Dados até 13 jan 2024. Disponível em: <https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19/html/covid-19.html.html>. Acesso em: 15 nov 2023.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4 ed. 5. REIMP. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

CARVALHO, José Jorge de. Um espaço público encantado Pluralidade religiosa e modernidade no Brasil. In: **Série Antropologia**, nº249, Brasília, 1999.

DICIONÁRIO Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/flora/>. Acesso em: 17/11/2023.

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. *Maranhão encantado: encantaria maranhense e outras histórias*. São Luis: UEMA Editora, 2000.

FERRETTI, Mundicarmo. *Terra de caboclo*. São Luis: SECMA, 1994.

FERRETTI, Sérgio. Candomblé da Bahia. **Afro-Asia** (UFBA. Impresso), v. 40, p. 267-274, 2011.

GALVÃO, Eduardo. *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas*. Companhia Editora Nacional, 1955.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **Mana**, v. 3, n. 1, p. 7-39, 1997.

HEYWOOD, Linda. (Org). De português a africano: a origem-africana das culturas atlânticas crioulas no século XVIII. In: **A Diáspora negra no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

NOGUEIRA, Léo Carrer. *Umbanda em Goiânia: Das origens ao Movimento Federativo (1948-2003)*. Dissertação de mestrado. Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás. UFG, Goiânia, 2009.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 26. Ed. — Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRANDI, Reginaldo. *O Brasil com Axé: Candomblé e Umbanda no Mercado Religioso*. Estudo Avenida vol.18 n. 52, São Paulo: Dec. 2004.

SANTOS, Jocélio Teles dos. *O Poder da Cultura e a Cultura no Poder: a disputa simbólica da herança cultural negra no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2005.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Cultura no Brasil Colonial. **Coleção História Brasileira**, nº 6, Petrópolis: Vozes, 1981.

SILVA, Vagner Gonçalves. Prefácio ou notícias de uma guerra nada particular: Os ataques neopentecostais às Religiões Afro-brasileiras e aos símbolos da herança africana no Brasil. In: SILVA, V. G. (org.). *Intolerância Religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: EdUSP, 2007.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Orixás da Metrópole*. Petrópolis-SP: Vozes, 1995.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ULHOA, Clarissa Adjuto. *Essa terra aqui é de Oxum é de Oxum, Xangô e Oxóssi*: Um estudo sobre o Candomblé na cidade de Goiânia. Dissertação de mestrado. Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás. UFG, Goiânia, 2011.

5. Fontes

Proprietária da loja 1. Entrevista cedida à Larissa Dantas em 23 novembro 2023.

Proprietária da loja 2. Entrevista cedida à Larissa Dantas em 23 novembro 2023.

Proprietário da loja 3. Entrevista cedida à Larissa Dantas em 25 novembro 2023.